



"Se necessitae d'uma victima, tomae-me"

Palavras d'um sacerdote presoneiro dos allemães na Belgica, quando estes fuzilaram outros prisoneiros barbaramente

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400
Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.
Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas
Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis



DA CAPITAL

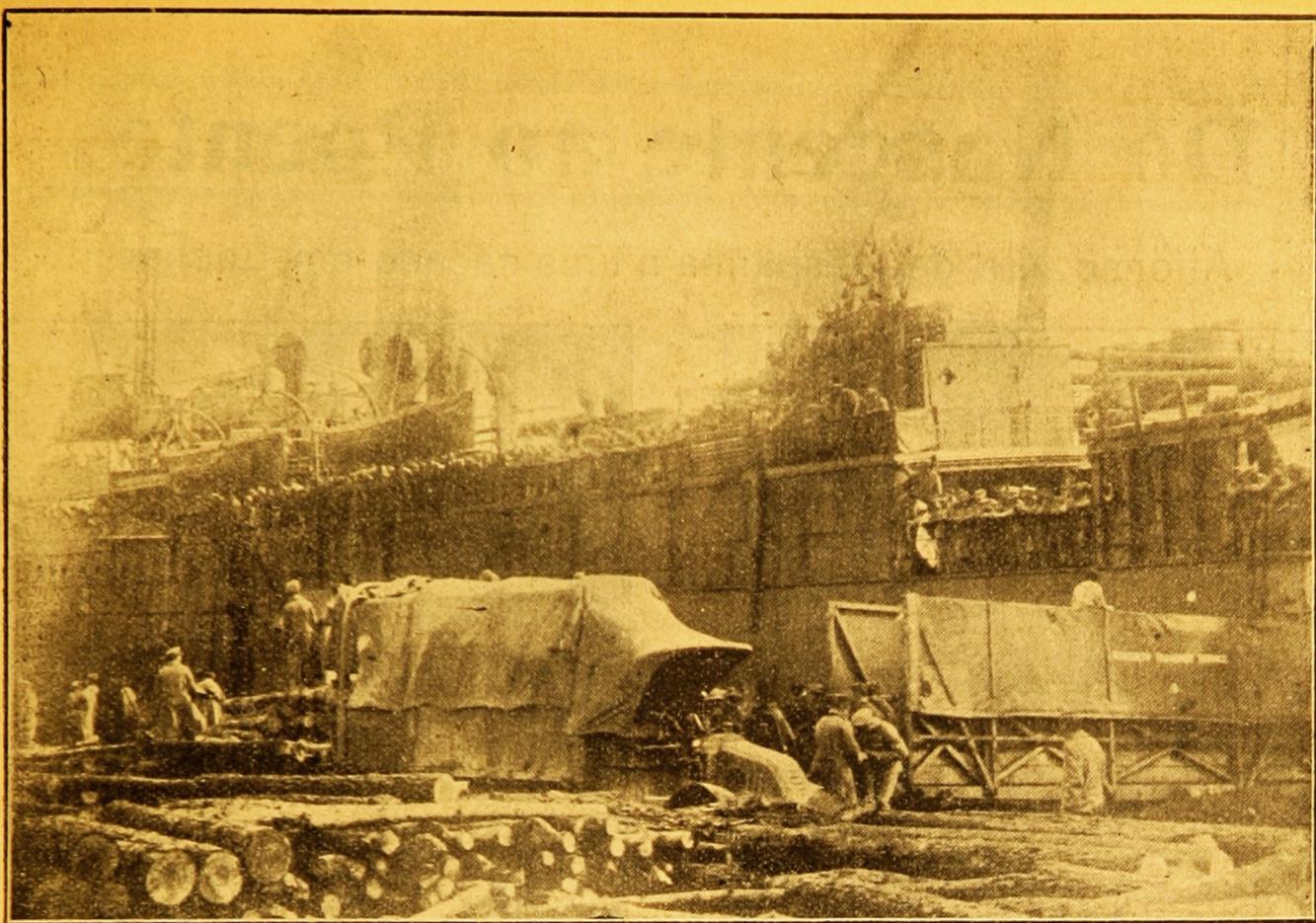
LISBOA—Os feis sendo da missa por alma de D. Carlos I e D. Luiz Filipe, na igreja da Encarnação.



A partida da primeira expedição para França

1—Cavallaria 2 dirigindo-se para o caes.
2—Artilharia 2 embarcando.





3—O embarque dos camiões

(Publicação auctorizada pelo sr. ministro da guerra)



Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Guadalupe de Paiva Magalhães Vasconcellos, distincta Poetisa, recentemente fallecida em Lisboa.

A' sombra da Cruz

POR ANNA G. P. M. VASCONCELLOS.

A' sombra da Cruz
Onde eu repousar,
O' vós que passais
Dignai-vos orar.

Carecem de orvalho
As flores do exilio:
As flores da noss'alma
Carecem de auxilio.

Quando eu repousar
A' sombra da Cruz,
O' Vós que passais
Pedi a Jesus

Pedi a Jesus
Que do alto Ceu
Abrigue martyrio
Que tanto soffreu.

Crestado do sol
Batido do vento,
O' vós que passais
Piedoso lamento!

A' sombra da Cruz
Onde eu repousar.
Piedoso christão,
Vinde ajoelhar.

Mui breve talvez
Recordae que um dia.
Tereis por jazida
Uma eampa fria.

Do Nascente ao Poente

Affonso XIII de Hespanha n'uma caçada em Lachar



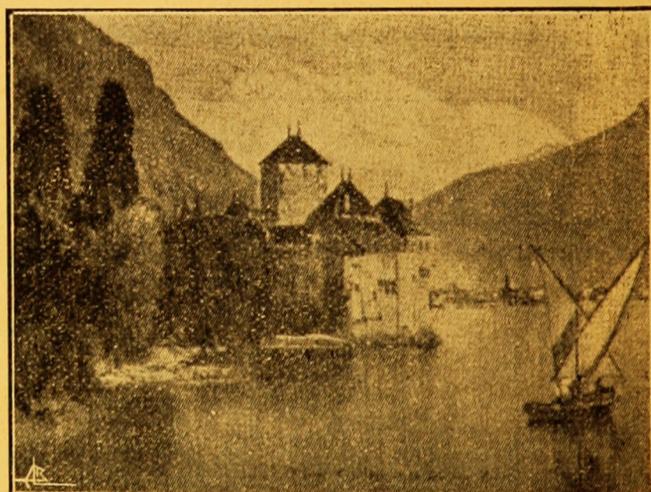
Affonso XIII disparando sobre uma lebre



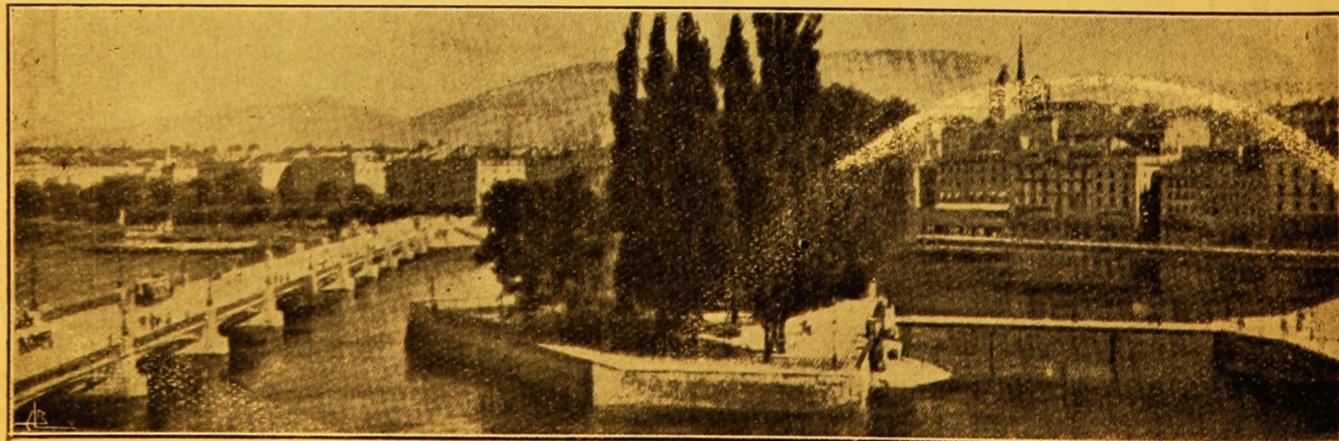
Affonso XIII no seu posto de caça



A Madame Thebes, recentemente fallecida



SUISSA – Vista de Lucerna, do Lago e dos quatro cantões



SUISSA—Vista panoramica de Genebra

CHRONICA DA SEMANA

Da vida que passa

Muito naturalmente vão decorrendo os dias entre duas especies de perguntas:
—Quando cãe o ministerio?
—Então as tropas já partiram?

Os gageiros do boato atiram ao meio dos grupos curiosos a ultima versão, o ultimo *canard*. e eis pabulo de conversa para trez horas entre anedotas, *charges* e má lingua, até que sóam pelas torres as badaladas das seis, timbradas, destacando por entre o ruido das tardes citadinas, e cada qual assalta o electrico atulhado em busca de outro pabulo, e do estomago!...

Passam caixeiros, os advogados que regressam, os commerciantes, e as figurinhas leves do mundo femenil roçando as pelles e os *dolmans* debruados a velludo que as modistas foram copiar, relembando talvez os picaros officiaesinhos devassos d'operetta, aos cavalleiros húngaros—que a moda de Paris é tão neutral como a republica de Andorra...

Começam porém, de surgir, telintantes sobre o asphalto uns typos novos entre quantos desfilam na população instavel dos grandes centros. São quasi todos rapazes, mas ha-os já de cabello poeirado e com ar um tanto cansado dos quarentões completos. Vestem, e quantas vezes mostrando constrangimento, o uniforme azul dos soldados expedicionarios. Dão a impressão de desenraizados, aborrecidos ou atormentados de susto, e quando se lhes pergunta:—*Então por cá?* respondem carifranzidos, n'um desabafo:

—Oh! que estopada!

O leitor está a vêr d'ahi o medico miliciano; o João Semana de Mação de D. Maria, habituado apenas ao chouteio do burrico pelas estradas ex-reaes (como se chamarão agora essas *reaes* estradas?) das comarcas de provincia, forçados a marchas de cavallaria, ao exercio extenuante dos quarteis: o estudante ou medico fresco, novo em folha, arrancado aos tentames da clinica, recommendado por amigos, parentes e jornaes da terra, para vir 'té ao Porto ou 'té Lisboa fazer o seu tirocinio, preparar-se para receber —hoje? amanhã? depois?— a guia de marcha que o encurrál-a nos transportes de guerra e o leva direito até á França...

Todos os dias me veem dizer que Fulanos e Cicranos *estão cá*. Já sei: são medicos melicianos.

Na gare de S. Bento á partida do rápido para Lisboa, quasi todas as noites ha abraços e adeuses... e quando a machina no tunel se engolfa instinctivamente se resente já uma como imperceptivel sensação de mágua, muito diluide ainda, ferindo só as almas mais vibrateis, mas signal da dôr, das lagrimas que já assomam em tantos olhares maternos!

Embora para a grande massa estes pequenos quadros de um quase-lucto não appareçam tão notados como a eminente escuridão das ruas — parabens á gatunagem! — o certo é que elles compõem um conjuncto sombrio na vida portugueza.

E eu começo a receber d'alguns amigos noticias como estas, d'uma singela e commovida realidade:

«Hontem foi um jantar de lagrimas, meu caro. Minha mãe não ha maneira de esquecer as peores hypotheses que a minha já certa partida para a guerra lhe suggere — e a mim!»

Recebi-a hontem, domingo, um domingo de sol. Ao entardecer vi pelos mostruarios das lojas annuncios gritantes a apetrechos carnavalescos. Nas ruas giravam algumas creanças mascaradas,—creanças e raparigas e senhoras... O Entrudo sublinhando a dôr!

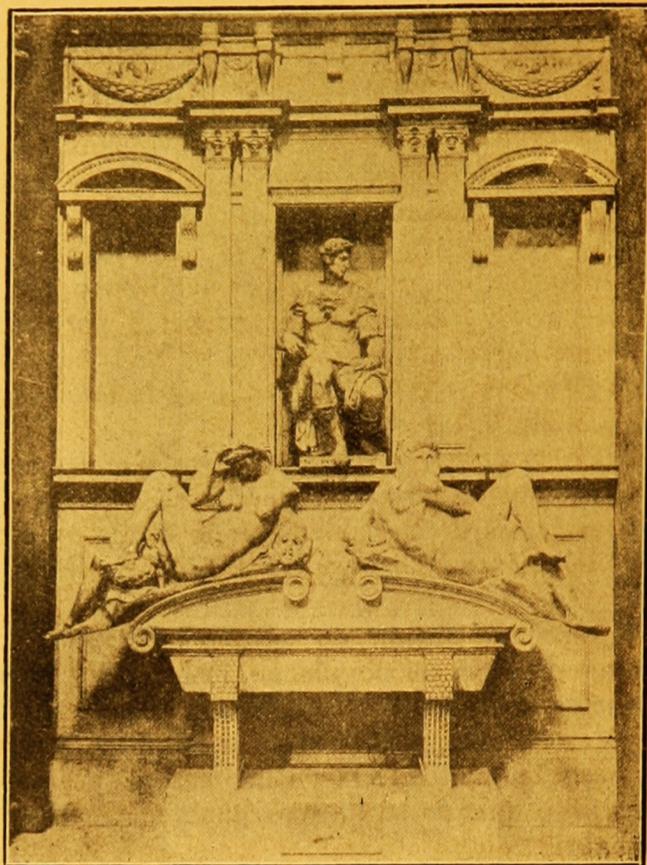
... Ha dias o dr. Cunha e Costa teve uma phrase feliz: isto não é Portugal, é um manicomio!

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

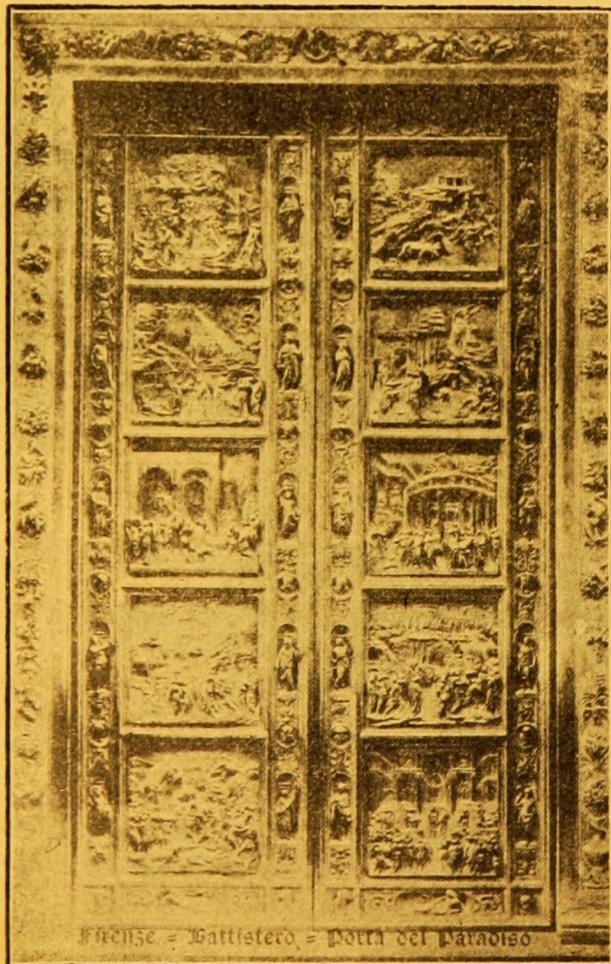
VII.—Technica da Arte (Esculptura)

Entendida a noção do ideal que o artista tem diante dos olhos e a maneira como ha de traduzir a sua *ideia* é natural que procuremos saber algo sobre o modo de a effectuar. A technica da arte dir-nos-ha como trabalha o artista, de que meios se utiliza para formar a obra de Arte. Comecemos pela escultura; deixando talvez para uma palestra futura o que se refere á plastica, ceramica, etc.

A materia em que vae trabalhar o escultor é diversissimo: madeira, márfin, pedra molle, marmore, granito, porphido, bronze, tudo lhe serve. Um dos mais antigos monumentos da Arte Christã é a porta da Igreja de S. Sabina em Roma; toda ella é adornada de baixos relêvos em madeira, do seculo V ou VI. A modelação de madeira porém nada tem de especial: é um trabalho de entalha numa materia que pouca resistencia offerece. De márfin são os embutidos e ornatos das antigas cadeiras episcopaes, os frontaes dos altares, alguns dyptychos e elicarios primitivos. Os antigos tinham processos especiaes para amollecere o márfin, estendê-lo em pranchas de cerca de 5 centimetros de espessura e modelar as figuras. — estes processos perderam-se. Assim iam fazendo os diversos fragmentos d'uma estatua, ajustavam-nos a uma armação e grudavam-nos com uma colla de peixe que depois de sêcca se tornava quasi insolúvel. A estatua tão famosa de Jupiter



Monumento dos Medicis
com a estatua do *Dia* (à direita)



Florença = Battistero = Porta del Paradiso

Porta do Paraizo
Donatello Battistero de Florença

Olympico, toda de márfin, foi modelada por este processo.

A pedra molle, como é a do nosso Mosteiro da Batalha tem a mesma technica que o marmore, com o inconveniente de ser facilmente desfeita pelos agentes atmosphericos. Procurava-se obviar a este inconveniente dando uma camada de tintas ou estuque fino á estatua. Por marmore entendemos hoje as pedras de carbonato de calcio susceptiveis de pulimento e brilho. Famosos eram na antiguidade os marmores pentelicos, pário hymecio, lunense etc. Este ultimo é o que se chama hoje marmore de Carrara. Foi o mais usado na esculptura classica romana e continua ainda nos nossos dias a ser considerado o melhor para estatuaria, pelo seu grão, fino e brilhante. Vejamos agora succintamente como é que o artista o maneja até o transformar numa estatua.

Rarissimo é o artista que executa immediatamente no marmore a ideia que engendrou. Miguel Angelo queria que o artista de genio trabalhasse directamente na pedra, mas elle mesmo, apesar do seu genio assombroso, viu os inconvenientes d'este methodo. Algumas das suas estatuas tiveram de ficar incompletas, porque um erro de calculo fez com que lhe faltasse o marmore necessario. Assim por exemplo a Virgem da capella dos Medicis em Florença, cujo braço direito está apenas indicado summariamente. Pela mesma razão, dizem alguns, deixou ficar sómente esboçada a cabeça da estatua celebre do *Dia* na mesma capella. A que erros se não exporiam os que não feem o genio de Miguel Angelo! Por isso todo o escultor recorre ao auxilio do modelo. E' este em geral feito de argilla ou gesso: hoje em dia o principal merito do artista está

em o compor. Depois a configuração no marmore reduz-se a uma mera execução technica, muitas vezes confiada aos auxiliares. Sobre uma armação de madeira o esculptor vae plasmando com as mãos a grêta e formando as varias partes da estatua; a estes chamavam os romanos *pollice ducere*. Depois com um instrumento a que os italianos dão o nome de *stecca* (espartula, em portuguez) agudo numa extremidade, plano na outra; vae aperfeiçoando as formas. Muitas vezes faz um segundo modelo em tamanho maior, que depois será copiado no marmore. Para o panejamento vestem o manequim de fazenda molhada que vae tomando as dobras e rugas naturaes. Os artistas modernos preferem trabalhar directamente com um modelo humano, vivo, deante dos olhos.

Julgavam alguns escriptores e, ainda Vasari o deixou escripto, que todas as estatuas antigas eram formadas d'um só bloco de pedra. Ignoravam que os estudos modernos revelaram, que muitas estatuas das melhores escolas gregas são feitas de varios pedaços não só quando se usava de marmore colorido para os vestidos e branco para a carnação, as *aerólitas* mas até nas que eram d'uma só cor. Com muito mais frequencia dá-se isto com as estatuas de bronze. Sómente que procuravam disfarçar as junctuas com o maior cuidado, dispendo engenhosamente que a situação ajudasse a encobri-los.

Vamos agora a assistir ao trabalho do transporte da figura no modelo para o marmore, segundo no-lo descreve Vasari, na *Vite di pittori etc.*, e Grossi Gondi no seu excellente livro *Sulle soglie dell'artes*.

AGNUS

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Lady Nervos

Meu amigo: Regressei hontem. Você tinha razão. Aquella vida, aquella tranquillidade acabariam por endoidecer-me. Aconselhou-me bem. Eu já não vivia— arrastava-me. O encanto dos primeiros dias desapareceu com a novidade, ^{murchou,} quando murcharam as ultimas flôres. A musica das aguas gemendo taciturna, monosonica, á hora fria do crepusculo, na fonte conventual do pateo, irritava-me, fazia-me chorar. Os montes, — parecia-me, — que se despenhavam sobre mim, abafavam-me, e no velho salão, onde as velhas armaduras branqueavam como fantasmas eu tremia infantilmente, olhando os retratos antigos, onde toda uma geração, toda uma raça, com vicios e com glorias, com romances e com virtudes, me acolhia altiva, desdenhosa, como extranha impertinente. E eu forçava-me a lembrar-lhes a historia, o esplendor, a restituil-os, dentro da fantasia á sua epocha á sua grandeza, prescutava-os, sacudia-os da poeira das linhagens, a procurar-lhes um traço, um episodio, uma feição que interessasse a minha sympathia; mas eram todos os mesmos, irritantes, orgulhosos, companheiros mudos dos meus longos serões. Apenas um tinha a minha ternura. Era feio mas na sua phisionomia vulgar havia a graça terna e adolescente d'um sentimental. Uma cabeça d'estudio morrendo anelada e fulva no fundo negro do chapêu d'um syndico de Rembrandt e sobre o negro do gibão vermelhava como uma mancha de sangue, o habito de Christo; as mãos calçadas d'anta apertavam o punho d'uma toledana de copos brunidos, e a contrastar com a severidade da expressão e das côres, apenas o olhar, vago, manso, sonhador e amortecido.

Interessava-me mais pelo retrato, que pelo romance que vivêra — um amôr desatendido que o matára de dó. Mas devia ser esvelto; nobre generoso, encantador. E até esse, meu amigo, hontem me despediu com frieza (uma bolha d'humidade que lhe desfigurava o olhar) solidarizando-se com os outros no seu odio altivo. Voltei enfim e a minha impressão ao entrar em casa, ao sentir-me de novo entre a minha vida foi muito simplesmente d'uma creatura que estivesse ás escuras durante mezes e que de repente visse a luz. O meu primeiro movimento foi fechar os olhos.

Cheguei hontem e hontem mesmo foi ao theatro e todo o dia d'hoje corri, saltitei de visita em visita, de conversa em conversa, pelas modistas, pelas confeitarias, pelos livreiros a refrescar as relações, a pedir quasi convites, a querer lançar-me de novo n'esta vida agitada futil, que tanto odiei e que hoje adoro com delirio precisamente porque a soube detestar, e que é a minha vida afinal, a nossa vida, a vida de todos os fracos e de todos os inuteis.

Não, não, essas paisagens serenas, esses extensos valles onde as casas branqueam e as arvores dominam sacudidas pelo vento, esses ribeiros que choram, a voz lamuriante dos sinos e os soluços das frutas, esses montes altivos ameaçando o céu, não pôdem ser nunca o scenario d'uns nervos que se se agitam, que querem viver. Só os fortes poderão lutar, reagir, dentro d'essa vida monotona solitária, saberão vencer n'es-

ses immensos cazarões solarengos onde a tradição vive e explende n'uma existencia futil de lona, na grandeza dos paineis, onde uma raça ciosa do seu orgulho e da sua grandeza, domina egoista e impõe soberana habitos e deveres, onde as almas se sepultam como nas humidas galerias d'un frio pantheon.

Nem quero lembrar-me. Que extranha loucura me arrastou para essas funebres paisagens onde vivi — vivi? — uma existencia de pavor d'agonia de suffocação. Que o velho palacio se desmone com as suas recordações e os seus retratos, que os jardins cresçam maninhos e as heras a esmo abafem aquelle sinistro logar, que suffoquem as lendas e as saudades que alli vivem, na poeira dos archivos, mas que nem uma vez mais me lembre as horas sinistras da minha clausura. Vou vendel-o, arrazal-o, esquecel-o sobretudo, para de novo viver na incerteza d'esta confusão que me encanta, d'este tumulto que me é tão necessario como o ar e como a luz.

Logo que acabe d'escrever-lhe vou vestir-me (não sei se ainda saberei) para ir jantar com a boa tia Z . . . E' o seu dia. Vou achal-a menos irritante e ouvirei com agrado as suas romanzas horriveis. Mas vou gostar, vou divertir-me no meio de toda essa gente que fingirá encantada com a minha volta, que me encherá de gentilezas com o mesmo ar discreto, mal eu volte costas, me cobrirá d'impropérios, de murmurações. Mas a minha vida á assim — ou melhor é assim que eu a quero viver e logo quando voltar adormecerei tranquilla cançada de não ter feito nada, sem uma recordação, sem uma nota amavel mas tambem com um milhão de projectos para o dia seguinte. Não terei tempo para ler mas não terei um motivo de pensar . . . Se nós somos assim! . . .

LITTERATURA

Horas tragicas

(Conclusão)

— Que nos valha a nossa santa religião! disse ella no meio da peleja.

— Senhora do Carmo nos ajude, responderam todos em côro,

Em cada rosto d'aquelles valentes portuguezes, notava-se a ancia de vencer, o fumo da polvora, a loucura do combate, faziam d'aquella gente, um quadro notavel, tragico momento, choque terrivel de almas, ávidas de vida.

Como por milagre, o tiroteio recomeçou com maior intensidade, algumas victimas jaziam pelo chão, banhadas em sangue.

Todos batalhavam com denodo, ouvindo-se constantemente a voz já rouca de Gaspar dos Santos que os animava com palavras corajosas.

O dia corrêra n'aquellas luctas terriveis; sómente á noite, depois d'aquellas horas tragicas sobre as ondas do oceano, é que os navios dos argelinos se affastaram desiludidos de não levarem a melhor. O inimigo desaparecera para além das Berlengas.

No dia 22 entráva serenamente no Tejo a nau *Senhora do Carmo*.

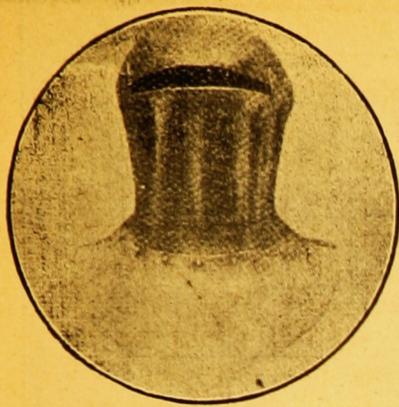
As aguas tranquillas e azuladas do rio acariciavam dolentemente a nau portugueza, baixando-a com as suas espumas, carinhosamente.

A Historia portugueza regeitou para sempre nas suas paginas de ouro, o nome d'essa heroína portugueza Dona Maria de Sequeira.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

(Do livro em preparo: *Almas Portuguezas*).

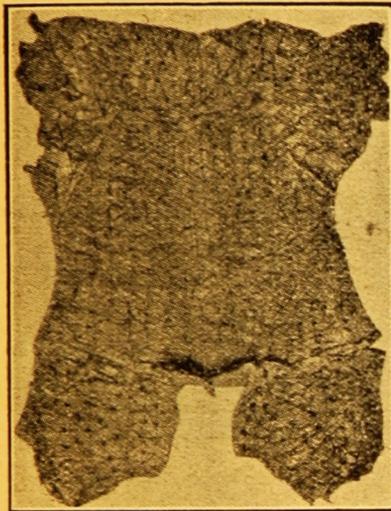
Paginas da guerra Europeia



A mascara de aço antiga, protectora da face, nos torneios



A mascara moderna contra os gases asphixiantes



A coifa antiga para proteger o tronco

Capellães militares

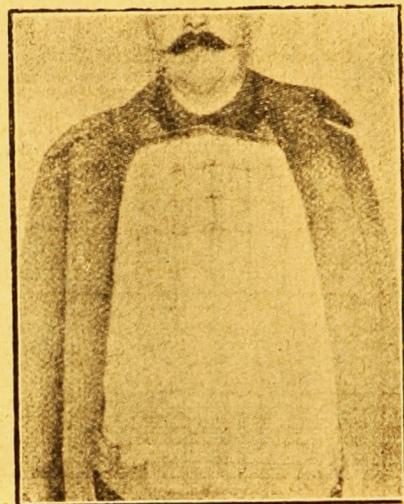
Permite o governo portuguez que acompanhem as forças expeditionarias capellães militares, para darem ás tropas assistencia religiosa.

Não é perfeita e completa a permissão.

Os outros paizes em guerra todos tem seus capellães militares, subvencionados, como outras despesas do culto castrense, pelos governos respectivos. E isto se dá, não só nos paizes que tem religião official, mas tambem na França onde o Estado é officialmente atheu. E no respeito á consciencia individual, os paizes em lucta vão mais além, sustentam com seus exercitos, capellães de religião diversa da official.

Assim é que Inglaterra e Allemanha, protestantes, mantem nos seus exercitos um corpo numeroso de capellães catholicos.

A dedicacão e zelo que tem demonstrado o clero catholico n'esta guerra, favorecendo os seus naturaes não é para exprimirlos n'uma simples nota. Só pelo que toca ao exercito francez numerosos bolos tem sido impressos, relatando o, e cada dia os diarios augmentam a lista das suas benemerencias.



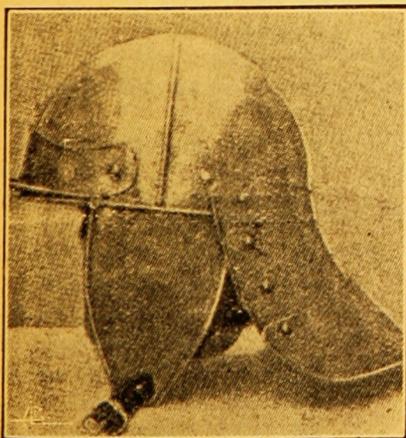
O novo protector do tronco



A saia antiga de malha



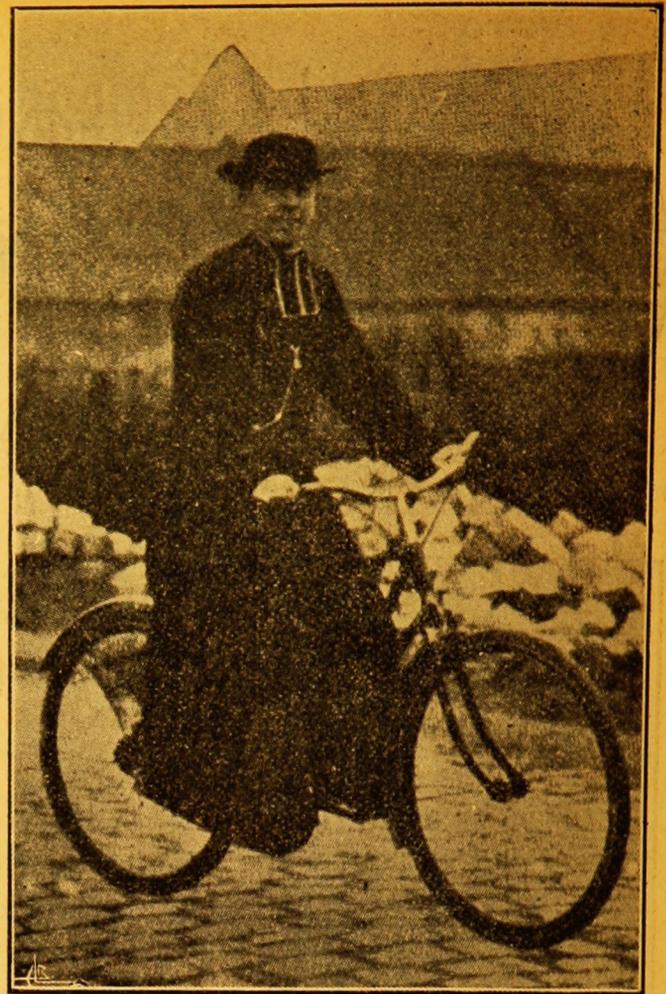
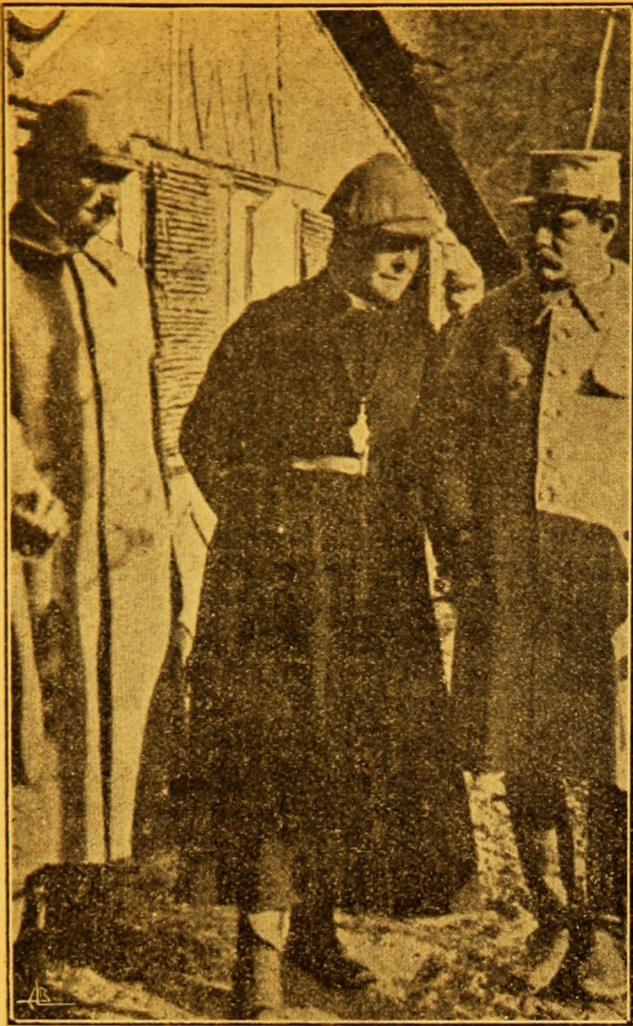
A saia moderna

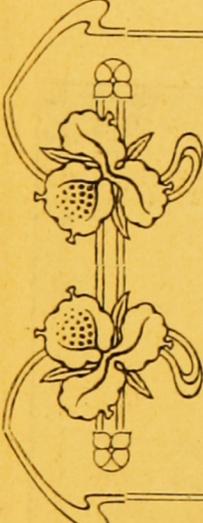


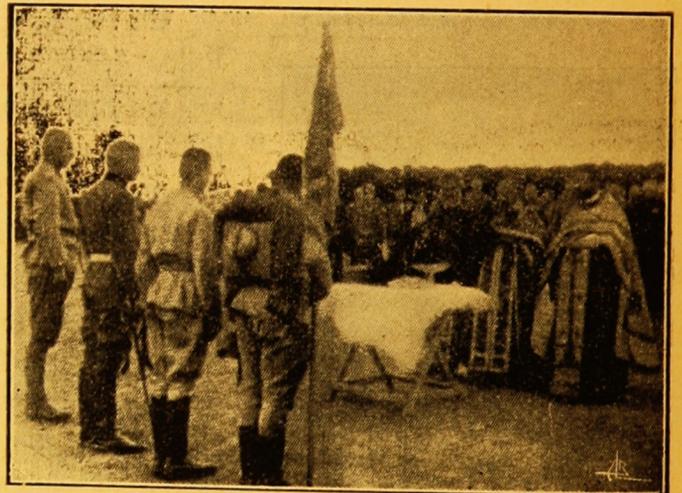
O capacete antigo para combate



O novo capacete




 A deficiência com que o governo se houve, estão remedian-
do os catholicos com a subscri-
ção nacional. em favor da as-
sistencia religiosa em campanha.
E o futuro dará a historia do
clero portuguez não menores glo-
rias do que as conquistadas por
seus irmãos d'alem fronteiras.
R. C.



EM VERDUM—1—Um sacerdot^e francez, capellão militar, trocando impressões com os officiaes da guarnição.

2—Os capellães militares francezes dirigem-se em bicyclete para as linhas.

3—Um regimento servio assistindo a uma missa campal, em suffragio pelas almas das praças mortas em combate.

EM SALOÏNICA—4—O 15.^o regimento de infantaria servia ouvindo a missa dominical, á qual assistiram 37 officiaes, 1065 soldados e o commandante em chefe de todas as forças allia-
das que lá se encontram.

ENDEXAS

POR JOÃO AVELINO

Eu sou o mais desgraçado
Dos filhos que meu pae teve;
Meu coração tem andado
Sobre o fogo e sobre a neve.

Toquem já hoje a finados
Os sinos da minha aldeia,
Saia eu de olhos fechados
As portas d'esta cadeia.

Um olhar de luz escura
Pôz-me negro o coração:
Negro como a desventura,
Negro como a ingratidão,

No dia do meu enterro,
Moças, cobri-me de flôres;
Acaba-se o meu desterro,
Chega o fim das minhas dôres.

Peço a Deus que cedo corte
O fio da minha vida.
Já que tenho certa a morte
E mais a esperança perdida.

E deixae-me assignalado
Com esta breve inscripção:
«Aqui jaz um desgraçado,
Victima da ingratidão!»

O nosso Amor

POR TELXEIRA PINTO

A quem de direito . . .

Que havemos nós de fazer
Ao nosso Amor,
Ao sol do nosso viver?

Eu dou-lhe a minha tristeza,
Meu manjar de cada dia . . .
Tu . . . dás-lhe a tua belleza,
Teus cantos, tua alegria . . .

Como ha-de viver, senhora,
O nosso amor,
Entre um suspiro que chora
E um riso em flôr?

—Ha-de viver! que lh'importa
Meu chôro, tuas canções,
Porvir negro, esp'rança morta
—Se vive da nossa vida,
No sangue dos corações? . . .

Assim . . . que hemos fazer
Ao nosso Amor
Senão deixal-o viver?

. . . E tem tal força, querida,
Que eu nem sei, tendo-o na vida,
Se poderemos morrer . . .

(Do inédito «Origem»)

Um povo supersticioso

POR ECHAURI

Publicou ha pouco sob o titulo *Mytologia romena*, o poeta Eftinin, um artigo de que se depreheende que o povo romeno é muito supersticioso.

«O aldeão romeno, diz Eftinin, apesar da clareza latina do seu espirito, povoou de seres irreaes, de superstições e de lendas, a sua imaginação.»

Os cantos romenos são com effeito, fragmentos de uma larga epopeia, cujo argumento são as façanhas do famoso *Fat-Frumós* (em portuguez, *fado formoso*), especie de principe encantador, promettido da bella *Ileana Cosinzeana*, cantada por *Ismael Smeilor*, o dragão fabuloso, o barba azul das nossas lendas pueris.

Protegido por todos os elementos, guiado por todos os fados, *Fat Frumós*, anda errante pelo mundo com differentes nomes. O seu cavallo alado corre mais que o de Alhames. A's vezes, *Fat-Frumós*, está «sósinho e triste, como a folha secca suspensa de uma teia d'aranha» O cavallo de *Fat-Frumós* come fogo e bebe toneis de vinho tinto.

Ileana é tão formosa que, se fosse pastora, os proprios lobos, galanteadores, lhe guardariam o rebanho. Porém o heroe, para a encontrar, tem que bater-se com gigantes, bruxos e gnomos, e atravessar cemiterios sinistros, cheios de cavalleiros petrificados.

Por fim encontra-a. Todos os principes, reis e imperadores do mundo veem ás bodas. O banquete dura semanas e mezes, e far-nos-hia rir das bodas de Camacho e dos festins de Sardanapalo e de Gargantua e Pantagruel.

O narrador d'estas maravilhas estava nas festas, e ainda se recorda d'aquelles selectos jantares; e não se esquece tambem de advertir, de que, todas estas coisas succediam nos tempos em que as pulgas trasiam ferraduras de 99 kilos! . . .

As figuras biblicas, reminiscencias pagãs, superstições de todo o genero, abundam na imaginação do povo romeno.

Santo Elias vagueia pelas nuvens em dias de tempestade; os raios não são mais que as chispas do seu carro, cujas rodas é o fragor do trovão.

O Senhor e S. Pedro apoiados aos seus bordões de cerejeira, passeiam pelos campos, offerecendo tabaco aos lavradores.

O diabo é taberneiro; vende vinho e maus pensamentos. De noite sae da taberna convertido em serpente.

As pedras preciosas são apenas babas de serpente. Em seus ninhos ha occulto thesoiros de esmeraldas, rubis e brilhantes. Por cada serpente que se mata, fica um peccado perdoado.

Os *balaurs* são serpentes gigantescas, «de olhos grandes e vermelhos como a lua cheia que assoma no horizonte». Estes *balaurs* são: Satanaz, esmagado por S. Miguel; o dragão, vencido por S. Jorge; Fafner, morto por Sigfredo, etc.

O mocho chora sobre os telhados a proxima morte de alguem. O rei do inferno em figura colossal assusta, á hora do crepusculo, os bois do lavrador nas encruzilhadas dos caminhos. A lua minguate é roida por monstruosos anões e por vampiros famélicos da luz. Por entre as ruinas ha almas penadas vagabundeando, que na noite de Santo André se lançam cavalgando sobre os seus ataúdes, em phantastica correria, por chãs e aldeias. Não passeies de noite perto de um edificio em construcção, porque os mestres pedreiros e seus operarios, teem pacto com Belzebut e atalham o passo do incauto para lhe roubar a sombra e a emparedarem na nova casa, afim de que ella não se derrua.

Olhae a formosa cathedral de Argoch, onde repousa o rei Carol, a rainha Carmen Sylva e sua unica filha a princeza Maria. A maravilhosa igreja foi construida por *Iragoè Voesode*, ha muitos seculos. Porém, para a fazer durar tanto tempo, o seu constructor, o *Maistre Manolé*, teve de emparedar n'ella a sua propria mulher cujos gritos de angustia ainda se ouvem por vezes, nas noites de tormenta, reboando de echo em echo pelas abobadas.



Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

© clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.
Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na canella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY**.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.^a—rua do Corpo da Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A' venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

BRAGA

PREÇOS Brochado, 250
Cartonado, 320

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negocios Ecclesisticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA